



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

Disciplina: Teoria e Prática de Pesquisa em História – 60 horas/aula

Professores:

Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Plano de Ensino – 2019.1

Ementa:

A relação entre tempo e história. As problemáticas de ordem teórica e metodológica que atravessam a prática do historiador. A pluralidade de sentidos das categorias históricas. As metodologias de levantamento de fontes em uma pesquisa histórica. Debates contemporâneos sobre o ser da história.

Metodologia e Objetivos:

Desde o ano de 2016, passamos a investir cada vez mais esforços em significar o tempo presente. A motivação essencial, com pouco espaço para dúvidas, tratou-se dos recentes acontecimentos que transformaram setores da política, sociedade e cultura no Brasil, com vistas a uma redefinição turbulenta dos lugares de sujeito, impondo aos historiadores a necessidade de repensar, rápida e drasticamente, qual o papel que passariam a ocupar na sociedade. Em tempos de crise, a pergunta lançada por Michel Foucault permanece ativa: é inútil revoltar-se?¹ Mais do que isso: que instrumentos podem ser utilizados, no nosso campo de ofício, como formas de insurreição dos corpos e das subjetividades? Quais seriam as disciplinas fortes, no sentido lançado por André Monteiro², capazes de nos levar a ocupar, verdadeiramente, o espaço que vem nos sendo retirado, institucionalmente ou não?

Ainda que pareça ocupar, a priori, o campo mais subjetivo da ação dos historiadores, a teoria é, de fato, um desses possíveis espaços de resistência, visto que nos enseja, tomando livremente a leitura feita por Daniel Lins a respeito de Gilles Deleuze, a pensar sempre de outra forma.³ A teoria da história, de maneira especial, ao nos ajudar a promover certos diagnósticos do

¹ FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: _____. *Ditos e escritos*. v. V. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

² MONTEIRO, André. É preciso aprender a ficar (in)disciplinado. *VI Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura*, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, maio. 2012.

³ LINS, Daniel Soares. *O último copo: álcool, filosofia e literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

presente, se torna esse instrumento que, ao longo do tempo, vem guiando profissionais da área nos caminhos rumo a uma compreensão desse “tempo saturado de agoras”.⁴ Nesse contexto, talvez já não nos caiba mais o questionamento se, afinal, estaria o historiador *à beira da falésia*⁵, visto que temos demonstrado superar questões tais como quais os *paradigmas rivais*⁶ que se opõem nos domínios da história, ou mesmo *em que pensam os historiadores*⁷. Tendo ocupado lugar de destaque nesse ofício, a linguagem se impôs, juntamente com dimensões tais como a sociedade, a cultura, a economia e a política, como pilar na construção que, cotidianamente, orienta os trabalhos dos seus profissionais, possibilitando, dessa maneira, que o estatuto da realidade, ou das coisas reais (*definitio rei*), como outrora apontaram os gregos e, posteriormente, os escolásticos, não mais precisa se estruturar hierarquicamente sobre as coisas verbais (*definitio nominis*), mas ao seu lado, e a elas intrinsecamente ligadas.

Nesse sentido, é possível afirmar que o amadurecimento da história enquanto disciplina entre outras do circuito das humanidades faz com que seus profissionais possam pensar como madura e em vias de superação a antiga dicotomia que opunha o saber histórico entre ciência dos homens no tempo e arte de inventar o passado, de forma que é possível percebê-la como *protoarte*⁸, próxima da ciência e da filosofia, mantendo com esses campos diálogo íntimo. Portanto, como mediador de temporalidades diversas, o historiador se torna sujeito capaz de articular diferentes dimensões e perspectivas de tempo, desde a noção escatológica cristã, proposta por Santo Agostinho, até a perspectiva de uma *temporalidade intervalar*, indicada por Homi K. Bhabha, permitindo perceber que o tempo não é o do ponto de partida ou de chegada de um objeto, na busca de se perceber, mas o intervalo, *o vir a ser*, capaz de possibilitar a observação do caminho no qual se está deixando de ser para se tornar outro.⁹ É, portanto, em vista dessas questões, que algumas provocações podem ser lançadas, tais como:

- Quais questões orientam, contemporaneamente, a escrita e o pensamento em torno da história?
- Que categorias contemplam, centralmente, o ofício dos historiadores?
- Que possíveis inferências o(a)s historiadore(a)s podem fazer em torno do documento histórico?
- As palavras e as coisas pertencem a categorias distintas ou é possível articulá-las de forma harmônica no interior de nossa oficina?

Partindo desses princípios centrais, bem como das provocações que aqui levantamos, esse curso de Teoria e Prática de Pesquisa em História, dividida em 15 sessões de 4 horas/aula cada, procura desenvolver um diálogo com as diferentes matrizes de pensamento sobre a disciplina

⁴ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. v. I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e crítica da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

⁵ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução – História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

⁷ BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. Introdução – Em que pensam os historiadores. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Curitiba: Prisma, 2017.

⁹ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

em questão, a fim de oferecer aos discentes fundamentos conceituais capazes de possibilitar um remodelamento de suas propostas de pesquisa. Nesse sentido, busca contemplar tanto discussões que nasceram dentro de diferentes oficinas historiográficas quanto debates externos à ambiência mais tradicional dos historiadores, a partir da qual se lança o desafio, sempre presente e necessário, de pensar suas articulações possíveis.

Sessões:

1ª Aula (15/03)

Como chegamos a ser aquilo que somos: interlocução inicial entre professores e alunos

Texto básico:

Plano de ensino.

2ª e 3ª Aulas (22/03 e 29/03)

Teus sinais me confundem da cabeça aos pés: interlocuções sobre as pesquisas em construção.

Textos básicos:

Projetos de pesquisa do(a)s aluno(a)s.

4ª Aula (05/04)

Assim como o bordado precisa da mão e da habilidade da bordadeira, a história não se escreve a si mesma: narrativa e invenção na escrita da história.

Textos básicos:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Introdução – Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____. *História: a arte de inventar o passado*. Curitiba: Prismas, 2017. p. 19-44.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Introdução – História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. Introdução – Em que pensam os historiadores? In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

5ª Aula (12/04)

Fragmentos de filosofia na pedra da história: contribuições de Michel Foucault na historiografia.

Textos básicos:

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma história diagnóstica do presente. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 11, n. 03, p. 321-329, set./dez. 2007.

FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem. In: _____. *Ditos e escritos*. v. IV. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 316-327.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: N-1, 2017.

6ª Aula (26/04)

Por uma escrita bailarina da história: ressonâncias deleuzeanas.

Textos básicos:

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Por uma escrita bailarina da história. In: PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). *História cultural: produção e circulação de conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é um conceito? In: _____. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

LINS, Daniel Soares. *O último copo: álcool, filosofia e literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

7ª Aula (03/05)

Eu invento o cotidiano que desejo usar: Michel de Certeau e a história

Textos básicos:

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Mídias táticas: os *fanzines* como fontes para a pesquisa histórica. *Diálogos (Maringá Online)*, Maringá, v. 19, n. 12, p. 741-762, maio-ago. 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

8ª Aula (10/05)

Em busca do Anti-Narciso: aproximações entre história e antropologia

Textos básicos:

CASTRO, Eduardo Viveiros. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

CASTRO, Eduardo Viveiros. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

9ª Aula (17/05)

Além do corpo: falas de gênero

Textos básicos:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1, 2010.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1, 2017.

10ª Aula (24/05)

História e memória: relicário ou *poesis*?

Textos básicos:

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

GODÓI, Emília Pietrafesa. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. (Org.) *Memória e (Res)Sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: EDUNICAMP, 2004. p. 37-58.

11ª Aula (31/05)

História e identidade: é possível um “eu” idêntico a si mesmo?

Textos básicos:

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. São Paulo: Autêntica, 2013.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. São Paulo: Autêntica, 2017.

12ª Aula (07/06)

Escritas de si: literatura, história intelectual e a invenção do “eu”

Textos básicos:

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. História e literatura. In: _____. *Do singular ao plural*. Teresina: EDUFPI, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet: ator e mártir*. Petrópolis: Vozes, 2002.

13ª Aula (14/06)

Forjar o tempo a machadadas: guerrilha semântica, terrorismo linguístico e a geração como categoria de tempo histórico

Textos básicos:

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica*. Curitiba: Prismas, 2016.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord). *Usos e abusos da história oral*. São Paulo: FGV, 2006.

14ª Aula (21/06)

Todo problema humano deve ser pensado do ponto de vista do tempo: a questão da contemporaneidade em história

Textos básicos:

BHABHA, Homi K. Introdução – Locais da cultura. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. *Visionários de um Brasil profundo: invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Britto e seus contemporâneos*. Teresina: EDUFPI, 2018.

15ª Aula (28/06)

A história no limite de tempos turbulentos: crises, insurreições e diagnósticos do presente.

Textos básicos:

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: N-1, 2016.

PELBART, Peter Pál. Aos nossos amigos. In: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (Org.). *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: Intermeios, 2017.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1, 2018.

Sistemática de Avaliação:

Os seminários pós-graduados se desenvolverão a partir da quinta aula. Considerando a presença de 22 (vinte e dois) aluno(a)s matriculado(a)s, teremos 11 (onze) seminários com 02 (dois) seminaristas cada.

Em relação às apresentações, serão concedidos 120 minutos (duas horas) para a exposição oral, à qual se seguirão os debates. Como meio de uniformizar as apresentações, facilitando a interlocução com toda a turma e, bem como, a apuração da nota, será exigível:

1. Apresentação em *Power Point* ou equivalente.
2. Breve exposição, por parte dos seminaristas, da sua problemática de pesquisa, articulando-a ao tema do seminário e/ou apontando as razões pelas quais o trabalho se distancia da teoria em estudo.

Não existe predeterminação quanto aos cortes e/ou recortes que os seminaristas farão aos conteúdos que lhes foram responsabilizados. É livre a escolha do que falar e do que silenciar, mas é obrigatória uma predefinição do conteúdo que será efetivamente tratado e, em como, a leitura de todo o material por todos os membros da turma, inclusive pelos que não sejam responsáveis pelo seminário. Como forma de apurar a leitura dos não-seminaristas serão escolhidos, a cada aula, aleatoriamente, aqueles ou aquelas que se responsabilizarão por um comentário geral sobre a exposição e emitirão um conceito sobre a pertinência dos cortes e escolhas feitos pelos seminaristas.

Em termos de pesos adotados para a apuração da média ponderada final será concedida nota variável de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) aos seminários, de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) à participação e assiduidade e de 0,0 a 10,0 (dez) a um artigo articulado à proposta de pesquisa do(a) aluno(a).

Como é óbvio, não é possível reposição de seminários.